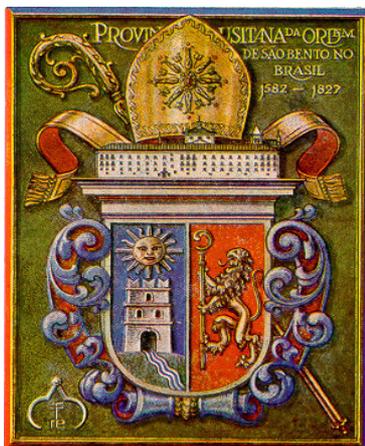


Evangelização e Propriedade fundiária: Os Monges Beneditinos na cidade de Salvador

MARCELO DONIZETTI PREVIATELLI – PPG-PUCCAMP



Brasão da Ordem de São Bento no Brasil 1582-1827
ENDRES, D. José Lohr, *A Ordem de S. Bento no Brasil quando Província 1582-1827*, Ed. *Beneditina*, Salvador, BA, 1980, p.3.

Em 10 de setembro de 1570, era aberto, no mosteiro de Tibães, o primeiro capítulo geral da congregação dos monges beneditinos celebrado em Portugal. Já nessa ocasião, alguns monges Beneditinos demonstravam surpresa pela Ordem multiseular não ter se voltado de imediato à missão religiosa nas terras El-Rei, chamadas de o “Novo Mundo”.

Diferente dos Jesuítas que estavam na pujança da ordem recém-criada, com um espírito mais diretamente voltado à evangelização, característica bastante importante no processo de expansão da Companhia de Jesus, os beneditinos, somente com a chegada de dois monges reformadores, dom Pedro de Chaves e dom Plácido de Vilalobos, conseguem ver renascer entre os monges portugueses o fervor primitivo da Ordem.

Nesse espírito de reforma, o Abade Geral convocou o segundo capítulo geral em terras lusitana em 13 de fevereiro de 1575, sob o reinado de Dom Sebastião. A tradição missionária da Ordem foi amplamente lembrada pelos padres capitulares, mostrando-se dispostos à evangelização nas conquistas ultramarinas.

Outro argumento também foi apresentado quando da indicação de missão beneditina em terras brasileiras. Naquele ano, haviam feito profissão religiosa na Ordem três jovens

nascidos no Brasil, eram eles: Pedro de S. Bento Ferraz, natural da capitania de Ilhéus, João Porcalho, também da capitania de Ilhéus e Manuel Mesquita, da Capitania da Bahia. Os pais haviam enviado os filhos nascidos na colônia para se formarem em Portugal, quando decidiram pela Ordem, optaram pelo ideal monástico beneditino. Entenderam então os monges capitulares, que nada mais natural que ardesse nesses jovens o desejo de verem a Ordem a que pertenciam transplantada para sua terra natal.

Assim foi feito, o Abade Geral do mosteiro de Portugal decidiu pelo envio de um dos jovens ao Brasil, escolheu Fr. Pedro de S. Bento Ferraz, que aportou em terras brasileiras em data ignorada, provavelmente no decorrer do ano de 1579. Sua missão não era bem fundar mosteiros, pelo menos não era essa sua primeira missão, e sim investigar a conveniência de se fundar mosteiros em terras do Novo Mundo.

Com carta endereçada ao “nobilíssimo Senado da Câmara”, o jovem monge é recebido com alegria pelos familiares e amigos, moradores dessa terra. O emissário do Abade Geral cumpre a risca sua missão: levanta donativos ao Mosteiro Português, observa a cidade “cabeça do Estado Brasílico Lusitano” e lança a idéia da construção de um mosteiro ali na cidade. Segundo o arquivo do Mosteiro de São Bento de Salvador-Bahia, a idéia agradou tanto, que de imediato o Sr. Francisco Afonso Condestável e sua esposa D. Maria Carneiro ofereceram à Ordem de São Bento, mediante escritura de “doação inter vivos”, todo o terreno que hoje está circunscrito pelas ruas: São Pedro, 21 de abril, Lapa, Mouraria, Castanheda, Dr. Seabra e Ladeira de S. Roque.

O primeiro Livro tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia registra esta primeira doação, bem como apresenta o Sr. Francisco Afonso Condestável e D. Maria Carneiro como os primeiros benfeitores da Ordem no Novo Mundo. O mesmo Livro tombo traz o termo de doação.

Somente após esses episódios, o Jovem Monge apresentou-se ao “Senado da Câmara” revelando o real motivo que o trouxe a essa terra, qual seja, averiguar se havia condição propícia para uma construção beneditina.

Lida a carta do Abade Geral de Tibães, o Senado da Câmara sinalizou uma objeção a essa fundação na cidade de Salvador:

“Muito folgaremos que com rezão poderemos conuir o q’o Rvdo Pe. De S. Bento nos pede, mas como veyo a esta cidade, digo a estaz partez a pedir esmolla pa. O Mostr.º de Portugal como consta da carta que tem delle esta Câmara, e non mostra poderez pa. Edificar caza de Seu mayor, este temoz por incoviniente de Se conceder o q’ pede, e Mostrandoa todo o fauor, e caride. Q’ em Noz estiuer Le faremoz. Sebastiam Moniz Barrt.º/ Ant.º Gil/ Antonio Lopez/ ferando Vaz/ Mel Frr.ª”¹

Alguns membros do Senado da Câmara indicaram ao monge uma visita ao Bispo e recomendaram que primeiro se entendesse com ele e depois poderiam conceder a licença, claro que se isso fosse do agrado do ordinário local. Indicaram também que pedisse a Ermida dedicada a S. Sebastião, lugar onde hoje encontramos o Mosteiro de S. Bento.

O Bispo, D. Antônio Barreiro, que antes de vir ao Brasil fora Prior do Mosteiro de São Bento d’Avis em Portugal, não só recebeu Fr. Pedro de S. Bento Ferraz, como de bom grado confiou a Ermida de São Sebastião à Ordem beneditina.

No mesmo dia, após a licença do Bispo, conseguiu a confirmação do Governador e rumou novamente para a Câmara que diante dos termos da autoridade Eclesiástica e civil entregaram ao suplicante a referida Ermida.

Fr. Pedro voltou a Portugal levando consigo os resultados de sua missão brasileira. Diante das auspiciosas notícias o Abade Geral, novamente convocou capítulo geral da Ordem em 29 de setembro de 1581. Na sessão de 7 de outubro do corrente ano, o assunto tratado foi exatamente a diligência feita por Fr. Pedro de S. Bento Ferraz na cidade do Salvador da Bahia e o êxito obtido junto às autoridades locais. Tendo sido lido os deferimentos do Governador do Bispo e do Senado da Câmara, os padres capitulares referendaram a origem da Ordem em terras brasileiras.

Diante do entusiasmo dos padres em assumir a missão além mar e do referendo dado pelo Capítulo da Congregação, o recém-eleito Abade geral, Fr. Plácido de Vilalobos, passou a buscar entre os religiosos portugueses os que julgava serem os mais aptos à nova

missão. Escolheu o Fr. Antonio Ventura como o fundador e primeiro superior do futuro mosteiro de São Bento na cidade do Salvador; e por companheiros vieram: Fr. Pedro de S. Bento Ferraz, Fr. João Porcalho, Fr. Plácido da Esperança, Fr. Manoel de Mesquita, Fr. José, um subdiácono e dois irmãos, Fr. João e Fr. Bento.

Quando desembarcaram em Salvador, foram logo à Ermida de São Sebastião que se localizava fora da porta da cidade, entre os muros e os fossos e se recolheram na pequena casa tornando-a sua clausura. Com o apoio dos moradores da província que tão bem aceitaram a forma monástica desses novos padres em terras brasileiras, acelerou-se a construção do convento de forma que em 1584 uma parte já estava pronta para a habitação dos monges beneditinos que ainda receberam em doação toda a fazenda do Sr. Gabriel Soares de Souza, oficial da Câmara de Salvador, que fazia uma única exigência: ser sepultado com sua mulher, Ana de Argolho, junto à Capela-mor do mosteiro. A fazenda desse oficial da Câmara se estendia por todo o lado direito do que são hoje as ruas Duarte, Praça da Piedade, Rosário e Mercês, Forte de São Pedro, Campo Grande e o princípio do Corredor da vitória, até o mar. Quando faleceu o generoso benfeitor da Ordem, seu corpo foi sepultado no altar mor da antiga capela do mosteiro, sob o epitáfio: “Aqui jaz um pecador”.

Em 1584, em Portugal, durante um novo Capítulo Geral, o Mosteiro de São Bento da cidade do Salvador da Bahia foi oficialmente incorporado à província portuguesa e elevado à condição de Abadia, sendo seu presidente até então o Pe. Fr. Antonio Ventura, nomeado primeiro abade desse mosteiro.

Depois disso, as doações ao mosteiro foram ainda maiores e não se restringiram à cidade de Salvador. Receberam doações em Itapuã, donde o ceramista beneditino Agostinho da Piedade retirava barro para a confecção de imagens, as primeiras feitas no Brasil. Os beneditinos avançaram pelo recôncavo, onde destacamos Santo Amaro da Purificação, que nos anos seguintes contou com o empenho do Frei Macário como arquiteto de algumas das igrejas daquela cidade.

Uma das mais importantes doações feitas ao mosteiro deu-se em 1586, mais precisamente em 16 de julho desse ano, quando D. Catarina Álvares Caramuru, a

Paraguassú, por escritura entregou ao mosteiro de São Bento de Salvador a Ermida de Nossa Senhora da Graça, bem como toda a prata do serviço de sua casa para a confecção de um relicário. Além disso, doou toda a terra que lhe coube em partilha com a morte de seu marido Diogo Álvares.

Nesse mesmo ano, outra importante doação foi feita pelo Sr. Afonso Condestável, a doação correspondente à área onde hoje encontramos o Largo da Piedade, a Rua do Rosário até a Igreja do mesmo nome, a Rua Direita da Piedade, a ladeira da Piedade, a Rua da Alegria, a Rua dos Barris, a Ladeira para a fonte dos Barris, a Ladeira dos Coqueiro, o Portão da Piedade e a Rua do Senado, ou seja, toda área de expansão urbana de Salvador nos séculos seguintes.

Passado o primeiro triênio da Ordem em terras brasileiras, o Capítulo Geral tomou ciência do quanto floresceu a Ordem na cidade de Salvador da Bahia. Os membros de confiança foram então notificados da elevação do mosteiro à categoria de Abadia, além de enviarem ao Brasil outros monges beneditinos visando o mais rápido desenvolvimento da Ordem no Novo Mundo.

Dentro desse projeto expansionista dos beneditinos, vieram ao Brasil, além de outros, Pe. Fr. Damião da Fonseca e o Irmão Basílio que juntamente com Fr. João Porcalho cuidaram de introduzir o segundo mosteiro da Ordem na cidade de Olinda, em Pernambuco, cuja inauguração, foi muito provavelmente no ano de 1586. Em seguida, os beneditinos seguiram para o Rio de Janeiro para a fundação do Mosteiro de Nossa Senhora do Montserrat. No início de século XVII, eram cinco abadias que compunham a província brasileira, que em seu apogeu podiam todas ter noviciado próprio além de recebem, de três em três anos, visita canônica do provincial que cuidava das necessidades de cada abadia e corrigiam os abusos que por ventura encontrasse.

Foi no mosteiro de Salvador que se estabeleceu a primeira escola de ensino superior da província, em meado do século XVII, sendo o responsável pelo ensino superior na colônia o Fr. Manuel do Rosário, doutor pela Universidade de Coimbra. O Modelo adotado

foi exatamente o da Universidade de Coimbra, salvo as variações necessárias em decorrência das estações.

Já no final do século XVI, a cidade concebida pelo primeiro Governador apresentava feições bem diferentes. Pouco sobrara dos muros, a população aumentara de uma maneira desordenada, construindo casebres e no fundo, suas roças, sem que houvesse nenhum planejamento urbano. Pelo lado norte já haviam avançado ao que hoje chamamos de largo do Pelourinho, em frente ao colégio dos Jesuítas; além de estabelecerem seus casebres no entorno dos franciscanos, despencando para o que hoje chamamos de a Baixa do Sapateiro, margeando o rio das Tripas.



“s.SALVADOR/ Baya de todos los Santos”. Estampa do reys-boeck. Ca. 1624

Fonte: REIS, Nestor Goulart, “*Imag. de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*”. Ed. Edusp e Imp. Oficial, São Paulo, SP, 2000, p.19

A cidade de Salvador começava a se tornar uma cidade escancarada, os muros no chão e a cidade se expandindo. A posição estratégica em que se encontravam os monges beneditinos garantiam-lhes certa segurança e foram então construindo casas e suas roças. As doações eram cada vez maiores, com isso fizeram um guindaste na Ladeira da Conceição para uso próprio e de terceiros, mediante o pagamento de aluguel. Esse equipamento, juntamente com o dos jesuítas, foram de grande utilidade no desenvolvimento da cidade.

Maus momentos passaram os monges beneditinos com a invasão holandesa no início de século XVII, quando tiveram o mosteiro invadido e devastado. Logo após a expulsão dos holandeses, os monges passaram a reconstruir o mosteiro.

‘Os inimigos da pátria e da religião’ uma ‘mistura de luteranos e Calvinistas’, como diz o primeiro compilador do Dietário² das vidas dos monges da Bahia, entraram pela baía de Todos os Santos e desembarcaram suas tropas que invadiram e se apoderaram da

cidade de Salvador obrigando os monges a abandonar o mosteiro, em pleno apogeu do desenvolvimento da Ordem, e a seguir para seus engenhos no Recôncavo. Esse episódio, ocorrido em 1624, representou uma verdadeira calamidade para os beneditinos.

Um ano após a invasão, os holandeses foram obrigados a se retirar, mas levaram consigo tudo o que de precioso encontraram na abadia, além de danificar as construções deixando alguns mosteiros quase em ruínas. A população mostrava-se infeliz e mais empobrecida, os celeiros e lavouras dos mosteiros estavam abandonados e os escravos foragidos.

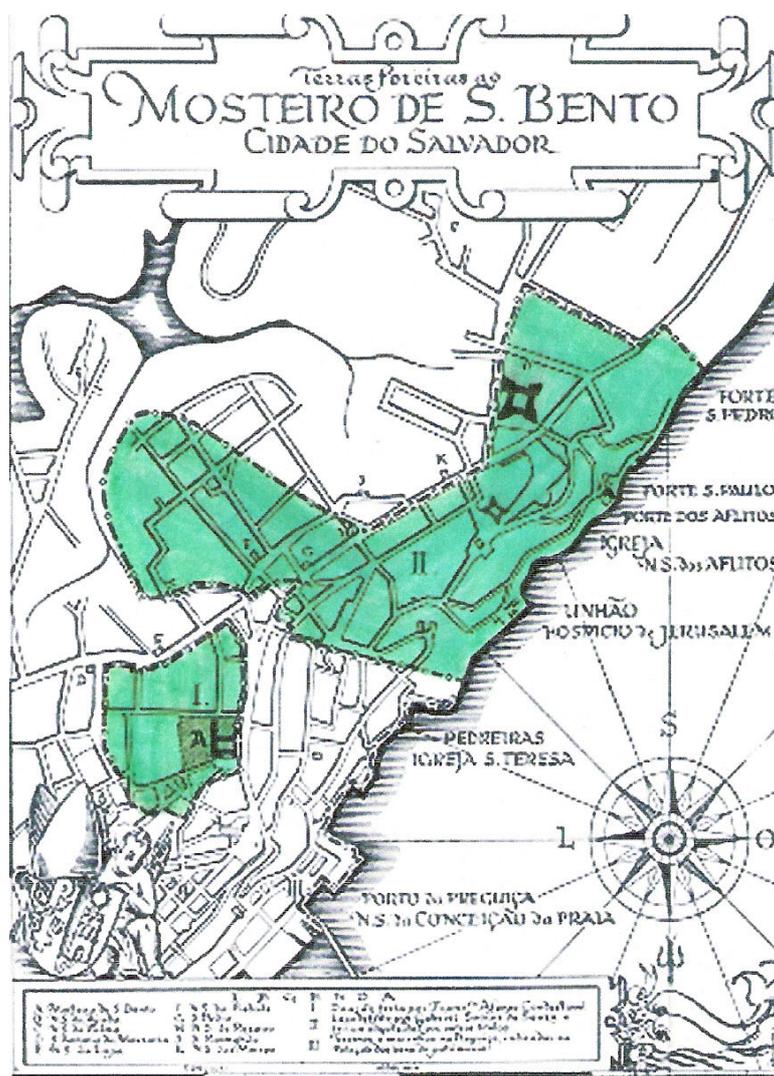
Quando tomou conhecimento do ocorrido em terras brasileiras, o abade geral da congregação apressou-se em reparar o estrago, enviou a Salvador um novo abade, Fr. Cosme de S. Tiago, juntamente com alguns monges peritos em construção, entre eles Fr. Macário de S. João, que segundo o Dietário da Ordem trabalhou no ofício de ‘architectura’ até morrer. Este concebeu e deixou disposta a planta da construção de um mosteiro monumental em torno da construção antiga que, se concluído, seria digno de figurar entre as grandes abadias da Europa .

O início da construção do mosteiro projetado por Fr. Macário se deu em 1680, mas apesar da obra estar adiantada diversas circunstâncias dificultaram a sua continuidade permanecendo a obra parada por vários anos. Quando em 1759, os padres jesuítas foram expulsos e tiveram seus bens confiscados, outras ordens religiosas ficaram abaladas e receosas de terem o mesmo destino. Em vista disso e do fechamento dos noviciados beneditinos, também ordenado pelo Marques de Pombal, as obras foram definitivamente suspensas. Quando o quadro se reverteu, o dinheiro para a construção desse Mosteiro já havia sido empregado em outras obras.

Como relata Nestor Goulart³, a cidade de Salvador foi concebida com um traçado regular, aos moldes da organização municipal portuguesa.

No final do século XVI, notamos, segundo relato das Ordens religiosas, que a cidade de traçado regular, construída no período do primeiro governador, apresentava feições diferentes. Neste final de século, quase nada restava do muro original, a população crescia

de forma desordenada sem nenhum planejamento urbano. A cidade de Salvador tornava-se, como diz Teodoro Sampaio, uma “cidade escancarada”, murada apenas pelas Ordens que ali se instalaram e foram delimitando o espaço de ocupação urbana, como é o caso aqui apresentado da Ordem dos beneditinos e das grandes propriedades oriunda das doações de 1584 e 1586.



Mapa das terras fronteiras ao Mosteiro de São Bento

Uma reconstituição do Irmão Paulo Lachenmayer.

Fonte: ROCHA, D. Paulo, “400 anos do Mosteiro de S. Bento da Bahia”, Salvador-BA, 1982, p.70.

¹ Livro Tombo (I) do Mosteiro de São Bento, fl. 167v, Arquivo do Mosteiro de São Bento-Bahia.

² “...os holandeses, como eram uma infernal mistura de Luteranos e calvinistas... o primeiro objetivo de suas danadas invenções, foi o total estrago dos templos sagrados, aos quais ao depois de roubados, e saqueados os arrasaram, deixando tudo assolado e destruído.”

³ In, Evolução Urbana do Brasil – 1500/1720, Pini, São Paulo, SP, 2000